



AFLUENTE: REVISTA DE  
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

*Lucas Bianconi Duarte Norais*

*Universidade Estadual Paulista Júlio de  
Mesquita Filho/FCLAr  
lucasnorais19@hotmail.com*

*Cido Rossi*

*Universidade Estadual Paulista Júlio de  
Mesquita Filho/FCLAr  
aparecido.rossi@unesp.br*

## *Tom Bombadil e a instauração do fantástico no maravilhoso*

*RESUMO: O presente trabalho apresenta uma análise da personagem Tom Bombadil em O Senhor dos Anéis (The Lord of the Rings, 1954-1955) tendo em vista o momento em que esta é inserida na narrativa em relação ao que ocorre anterior e posteriormente à sua entrada no enredo. Utilizando como arcabouço teórico as classificações de maravilhoso, fantástico, e estranho – bem como seus respectivos desdobramentos – propostas por Todorov em Introdução à literatura fantástica (2004) e o diálogo crítico entre esta e outras teorias do fantástico, inclusive a apresentada por Tolkien em “Sobre contos de fadas” (1947), este artigo evidencia a importância dessa personagem para o desenvolvimento da narrativa, e as mudanças que decorrem por meio do aparecimento da mesma. Assim, em concordância com o entendimento todoroviano, Tom se configura como fantástico em um enredo previamente maravilhoso, fazendo com que seu aparecimento desloque todo o ambiente narrativo daquilo que se compreende como maravilhoso puro para fantástico-maravilhoso. Essa mudança e as decisões tomadas a partir dela se mostram como essencial não só para a compreensão do contexto em torno da personagem, mas também para o desenvolvimento de todo o enredo do romance.*

*Palavras-chave: O Senhor dos Anéis; Tom Bombadil; Teorias da Literatura Fantástica.*



## INTRODUÇÃO

Tom Bombadil é uma das personagens mais misteriosas e controversas criadas por Tolkien em seu universo ficcional. De acordo com o próprio autor, “mesmo em uma Era mítica deve haver alguns enigmas, como sempre há. Tom Bombadil é um (intencionalmente)” (TOLKIEN, 2006, p. 169). Assumindo-o, assim, como mistério, a sua presença gera, por si só, hesitação e tensão. O presente artigo traz uma análise crítica dessa personagem, tendo em vista o momento em que ela é inserida na obra *O Senhor dos Anéis* (*The Lord of the Rings*, 1954-1955) em relação aos momentos anteriores e posteriores do enredo, e à consequente passagem daquilo que Todorov (2004) classifica como maravilhoso puro para o fantástico-maravilhoso.

Para o desenvolvimento de nossa análise, além da discussão trazida por Todorov em a *Introdução à literatura fantástica* (2004), recorreremos às propostas de Bessière no artigo “O relato fantástico: forma mista do caso e da adivinha” (2009), de Calvino em “Definições de territórios: o fantástico” (2006) e de Roas em *A ameaça do fantástico: aproximações teóricas* (2014). Esses teóricos contribuem para a ampliação do estudo e do entendimento sobre o fantástico. Frente a essas propostas, a teoria de Tolkien presente no ensaio “Sobre contos de fadas”, publicado em *Árvore e Folha* (2017), fornecer-nos-á um diálogo crítico entre diferentes perspectivas em contraste com o pensamento do próprio autor da obra analisada.

*O Senhor dos Anéis* se inicia com a apresentação de um espaço aprazível denominado Condado, no qual habitam os hobbits<sup>i</sup>. Esses seres vivem em paz, distantes dos demais acontecimentos que ocorrem na Terra-Média<sup>ii</sup>. Logo no primeiro capítulo, temos o conhecimento de que haverá uma festa muito esperada, na qual será celebrado o onzentésimo primeiro aniversário de Bilbo Bolseiro, um hobbit muito rico e peculiar que, apesar da idade avançada, apresenta um vigor extraordinário. O ambiente festivo se alegra ainda mais com a chegada de Gandalf, o mago, com seus fogos de artifício<sup>iii</sup>. No decorrer da festa, Bilbo faz um anúncio que surpreende a todos, especialmente seu sobrinho Frodo, de que partiria do Condado, e, magicamente, desaparece do meio dos presentes.



Estranhando esse acontecimento, Gandalf chega à casa de Bilbo e o questiona sobre a posse de um anel de poder – muitos anéis de poder haviam sido feitos e estavam desaparecidos na Terra-Média – que o teria feito desaparecer. Conversando sobre sua partida, o mago questiona-o sobre o anel, advertindo-o de que ele deveria deixá-lo para trás, conforme havia concordado outrora. No entanto, a reação de Bilbo o impressiona.

– Sim, sim – disse Gandalf. – Mas você não precisa ficar furioso.

– Se estou furioso, a culpa é sua – disse Bilbo. – Ele é meu, estou dizendo. Meu. Meu precioso. Sim, meu precioso.

O rosto do mago permaneceu grave e atento, e apenas uma faísca nos olhos profundos demonstrou que ele estava assustado e na verdade alarmado. – Ele já foi chamado assim antes – disse ele. – Mas não por você (TOLKIEN, 2001, p. 34).

Nesse momento, Gandalf desconfia de algo que se confirmará no decorrer da narrativa: Bilbo não estava em posse de um simples anel de poder, mas do Um Anel, objeto mágico feito por Sauron, o vilão da obra, com o intuito de dominar todos os povos livres da Terra-Média. Com a advertência do mago, Bilbo deixa o Anel e a grande maioria de seus pertences a Frodo, e parte. Gandalf aguarda a chegada de Frodo e o adverte sobre o Anel, pedindo-o para que ele deixe a casa do tio em posse do objeto mágico, não fazendo uso do mesmo, e vá para um local em que posteriormente eles se encontrariam. Ainda no Condado, juntam-se a ele outros três hobbits: Sam, Merry e Pippin, seus amigos. Assim, juntos, os quatro hobbits iniciam uma jornada.

Essa apresentação inicial, que contextualiza a obra *O Senhor dos Anéis*, nos revela um ambiente mítico no qual estão presentes criaturas fictícias e objetos mágicos que compõem a tessitura da realidade narrativa, aceitas tanto pelas demais personagens quanto pelo leitor. Assim, dentro das proposições desenvolvidas por Todorov (2004), o romance se configura, nesse primeiro momento, como maravilhoso puro.

Existe enfim um “maravilhoso puro” que, assim como o estranho, não tem limites claros (vimos no capítulo precedente que obras extremamente diversas contêm elementos de maravilhoso). No caso do maravilhoso, os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem nas personagens, nem no leitor implícito. Não é uma atitude para com os acontecimentos narrados que



caracteriza o maravilhoso, mas a própria natureza desses acontecimentos (TODOROV, 2004, p. 59-60).

Todas as personagens míticas e místicas apresentadas até então não existem materialmente na realidade empírica do leitor; no entanto, fazem-se plenamente justificáveis pelas regras que regem esse universo ficcional. Mesmo o desaparecimento de Bilbo, que surpreende os demais hobbits, pode ser explicado pelo uso do Anel, objeto pertencente à narrativa tolkieniana. Notamos, desse modo, a naturalização dos elementos compreendidos como sobrenaturais e sua aceitação pelas personagens e pelo leitor no interior da narrativa, havendo verossimilhança e coerência interna dentro da obra criada. Tal naturalização do sobrenatural não gera tensão ou hesitação, ponto fundamental para a compreensão do fantástico dentro da proposta todoroviana. É, em especial, essa aceitação do sobrenatural como parte do tecido da realidade da obra que caracteriza o maravilhoso puro.

145

#### A APARIÇÃO DE TOM BOMBADIL

Ao iniciar sua jornada, o primeiro momento de grande perigo se dá quando o grupo de hobbits se aventura a passar pela Floresta Velha<sup>iv</sup> na tentativa de fugir dos Cavaleiros Negros, entidades malignas enviadas pelo vilão da obra para recuperar o Um Anel, então em posse de Frodo. O grupo intenta também manter em segredo sua partida do Condado. Em um momento de descanso da viagem, os hobbits se encontram à beira da referida floresta quando são atacados por uma árvore mágica conhecida como Velho-Salgueiro-homem, um salgueiro muito velho e esbranquiçado plantado à margem de um rio. Fatigados, sonolentos e semiconscientes em razão de algo existente no ar que os rodeia, são forçados a descansar pela situação em que se encontram, apesar do desejo e do conhecimento da necessidade de que deviam deixar o lugar.

Merry e Pippin acabam se reclinando sobre as raízes do salgueiro e adormecem com a sensação de que “quase podiam escutar palavras, palavras apaziguadoras, dizendo algo sobre água e sono” (TOLKIEN, 2001, p. 121). Fendas começam a se abrir atrás deles e a árvore os engole. Enquanto isso, lutando contra o próprio sono,



Frodo avisa Sam que precisa de água fresca e, sentado ao largo do rio que beira a floresta, nele batendo os pés, reclinou-se sobre a árvore e também adormece. Sam, tomado pelo algo que permeia o ar, questiona-se sobre a sonolência causada pela floresta, pois, a seu ver, “existe mais por trás disto do que apenas sol e ar quente – murmurou ele para si mesmo. – Não gosto desta árvore grande. Não confio nela. Ainda por cima cantando coisas sobre sono! Isso não pode estar certo!” (TOLKIEN, 2001, p. 121).

Sam indaga-se também sobre o paradeiro das montarias do grupo; vê os animais adiante e avança pela trilha para recolhê-los. Quando está voltando, ouve dois ruídos, um alto e outro baixo: “O primeiro foi o som de algo pesado caindo na água; o outro era um barulho parecido com o que um trinco faz quando se tranca uma porta com cuidado” (TOLKIEN, 2001, p. 121). Ao se aproximar, nota que Frodo estava se afogando, pois fora atirado ao rio pelas raízes do salgueiro, mas não conseguia reagir; Sam puxa o amigo pelo casaco e o salva. No momento em que estão conversando sobre o afogamento, questionando a culpabilidade da árvore, percebem que Pippin havia sido arrastado pelas raízes e Merry estava preso até a cintura, apenas com as pernas para fora. Sobressaltados, Frodo e Sam tentam salvar os outros hobbits batendo no salgueiro para que os liberte tentando retirá-los à força de seu jugo, mas nada funciona. Ainda na tentativa desesperada de salvar os amigos, Frodo e Sam decidem ameaçar a árvore com o fogo e acendem uma fogueira, com a declarada intenção de queimar a planta. No entanto, preso dentro do salgueiro, Merry os alerta, em pânico, de que a árvore lhe disse que o quebraria em dois se o fogo não fosse apagado.

Sam começou a apagar a fogueira, que já estava plenamente acesa, e Frodo correu pela trilha, sem saber bem o porquê, gritando por socorro, mas sem ouvir o som agudo de sua própria voz, “carregada para longe pelo vento do salgueiro e sufocada pelo clamor das folhas, assim que as palavras saíam de sua boca” (TOLKIEN, 2001, p. 123). É nesse momento de tensão, perigo e desespero que surge – a narrativa de *O Senhor dos Anéis* não permite distinguir muito bem de onde – Tom Bombadil.



dúvidas: alguém entoava uma canção; uma voz grave e alegre cantava, despreocupada e alegre, mas as palavras não faziam sentido:

*Ei boneca! feliz neneca! dingue-dongue dilo!*

*Dingue-dongue! Não delongue! Largue logo aquilo!*

*Tom Bom, jovial Tom, Tom Bombadillo.*

[...] Frodo e Sam pareciam enfeitiçados. O vento foi abrandando. As folhas não se agitavam mais nos galhos paralisados. Houve nova explosão de música, e então, de repente, saltando e dançando pela trilha, apareceu por cima dos juncos um velho chapéu gasto, de copa alta e com uma pena azul comprida presa à fita. Com mais um salto e um pulo, apareceu um homem, ou pelo menos assim parecia. De qualquer modo, era grande e pesado demais para ser um hobbit, embora não alto o suficiente para ser uma pessoa grande; mas o barulho que fazia era digno de uma delas, pisando forte com grandes botas amarelas que lhe cobriam as pernas grossas, e avançando pelo capinzal e por entre os juncos como uma vaca que desce para beber água. Vestia um casaco azul e tinha uma longa barba castanha; os olhos eram claros e azuis, o rosto vermelho como uma maçã madura, mas que se franzia em inúmeras rugas provocadas pela sua risada (TOLKIEN, 2001, p. 123-124).

Após ser noticiado pelos hobbits do que ocorrera, Tom demonstra a sua íntima relação e controle das forças da Natureza através da música, entoando uma canção para libertar os demais do Velho Salgueiro-homem: "Podemos resolver isso logo. Conheço a melodia para ele. Velho Salgueiro-homem cinzento! Vou congelar a seiva dele, se não se comportar. Vou cantar até que as raízes saiam do solo. Vou cantar para levantar um vento que leva embora folha e ramo. Este Velho Salgueiro-homem!" (TOLKIEN, 2001, p. 124). Dessa forma, após executar o seu canto, Merry é liberto pelo salgueiro, enquanto Pippin parece ser "chutado para fora" dele.

Nessa cena, tanto o surgimento de Tom Bombadil quanto sua descrição por parte do narrador causam estranhamento e hesitação. Seja pelo seu canto, sua postura, seus adereços ou sua aparência, Tom não é associado a nenhuma raça conhecida — elfos, anões, homens ou hobbits —, mas apenas comparado a elas: "pesado demais para ser um hobbit, embora não alto o suficiente para ser uma pessoa grande". Outra característica fundamental e única de Tom diante das demais personagens que compõem esse universo ficcional é o controle que exerce sobre o Salgueiro por meio de sua música. Tal poder não é atribuído a nenhum outro ser na Terra-Média. O pavor que envolve as personagens diante do risco de perderem a vida já nos revela uma clara mudança de ambiente na narrativa. Até o momento, o mundo

maravilhoso não havia apresentado aos hobbits sérios perigos; todavia, quando Tom aparece, o enredo está ambientado pela tensão e pelo medo.

Tendo salvado suas vidas, Tom os convida para irem à sua casa. Quando chegam à entrada, ouvem outra voz, a de Fruta d'Ouro, esposa de Bombadil.



Então uma outra voz limpa, jovem e velha como a Primavera, como a canção da água que flui alegre noite adentro, vinda de uma clara manhã nas colinas, veio descendo sobre eles como uma chuva de prata. [...]. Com essa canção os hobbits pisaram na soleira da porta e foram então cobertos por uma luz dourada (TOLKIEN, 2001, p. 126).

Ao entrarem na casa, os hobbits cumprimentam Fruta d'Ouro, que lhes diz: "Nada temam, pois esta noite estão sob o teto de Tom Bombadil". Com essa fala anuncia-se a segurança existente no interior da casa de Tom, mesmo na presença do Um Anel, fato que merece ser destacado, pois a presença do Anel representa a presença do próprio Sauron na narrativa de Tolkien. É nesse momento que Frodo – junto de nós, leitores, e talvez por nós – indaga, pela primeira vez e para Fruta d'Ouro, sobre *quem é* Tom Bombadil. A resposta que recebe – e que recebemos, portanto –, ainda que reveladora, alimenta o enigma que envolve a personagem ao invés de simplesmente resolvê-lo, pois no momento em que o hobbit – e nós – obtém a resposta, outro mistério se impõe. É esse padrão que Tolkien adotará no tratamento dessa personagem nas demais passagens em que se questiona *quem ele é*: a cada resposta, um novo enigma, algo que o autor já fizera também no capítulo mais importante de sua primeira obra – "Adivinhas no escuro", quinto capítulo de *O hobbit* (2012, p. 69-90).

– Linda senhora! – disse Frodo novamente, depois de um tempo. Digame, se minha pergunta não parece tola, quem é Tom Bombadil?

– Ele é – disse ela, cessando seus movimentos rápidos e sorrindo. Frodo olhou para ela curioso. – Ele é, como já viram – disse ela em resposta ao olhar de Frodo. – Ele é o Senhor da floresta, das águas e das colinas. [...]

– Tom Bombadil é o Senhor. Ninguém jamais prendeu o velho Tom quando ele caminhava pela floresta, atravessava as águas ou pulava nos topos das colinas, seja de noite, seja de dia. Ele não tem medo. Tom Bombadil é o Senhor (TOLKIEN, 2001, p. 128).

Seja pela primeira resposta de Fruta d'Ouro, "Ele é", ou pela afirmação subsequente de que ele é o "Senhor", não obtemos



uma resolução clara que dê conta de nos fazer compreender, de fato, quem é essa personagem e como ela pode ser aceita como natural dentro desse universo sobrenatural. Apenas são acrescentados elementos de divindade à imagem que já possuímos de Tom Bombadil. A resposta “Ele é” remete-nos à passagem

bíblica em que Moisés se encontrava apascentando as ovelhas de seu sogro no monte Horeb, o monte de Deus, quando vê o Anjo do Senhor, que lhe aparece numa chama de fogo, em meio a uma sarça que queimava e não se consumia. Intrigado ante tal mistério, Moisés se aproxima da sarça e Deus se revela a ele e lhe incumbe de uma missão. Depois desse momento, Moisés interpela Deus sobre como responderia à pergunta dos israelitas sobre qual o nome d’Ele, e Deus assim responde: “*Eu sou aquele que é*” (Êxodo 3,14, grifo nosso).

A resposta dada por Fruta d’Ouro é a mesma dada por Deus a Moisés no monte santo, com a diferença de que a dela está na terceira pessoa, remetendo não a ela mesma, mas sim a Tom Bombadil. O uso de “Senhor”, com o “s” inicial maiúsculo, também associa a personagem Tom com o Deus judaico-cristão, que é identificado, tradicionalmente, pelo uso do mesmo termo<sup>v</sup>. Há, no entanto, uma carta escrita por Tolkien afirmando que não existe personificação do deus criador em sua obra, o que acaba por constituir o contrapeso dessa leitura, ainda que a opinião de um autor sobre sua própria obra seja, ela também, apenas mais uma possibilidade interpretativa dentre muitas, já que, ao colocar o ponto final em seu texto, ele acaba se tornando um leitor (um leitor privilegiado, não há dúvida, mas um leitor): “Não há personificação do Único, de Deus, que de fato permanece afastado, fora do Mundo, e acessível diretamente apenas aos Valar ou Governantes” (TOLKIEN, 2006, p. 226).

No dia seguinte, Frodo mais uma vez indaga, agora ao próprio Tom Bombadil, quem ele é.

— Quem é o Senhor? — perguntou ele.

— O quê? — disse Tom, ajeitando-se na poltrona, os olhos brilhando na escuridão. — Ainda não sabe meu nome? Esta é a única resposta. Digame, quem é você, sozinho e sem nome? Mas você é jovem e eu sou velho. Mais ancião, é o que sou. Vejam bem, meus amigos: Tom Bombadil já estava aqui antes do rio e das árvores; Tom se lembra da primeira gota de chuva e do primeiro broto de árvore. Fez trilhas antes

das pessoas grandes, e viu o povo pequeno chegando. Já estava aqui antes dos Reis e dos túmulos e das Criaturas Tumulares. Quando os elfos passaram para o oeste [*s/c*, Oeste], Tom já estava, antes de os mares serem encurvados. Conheceu o escuro sob as estrelas quando não havia medo — antes de o Senhor do Escuro chegar de Fora (TOLKIEN, 2001, p. 135-136).



Com essa resposta, outras características se agregam ao mistério que envolve a personagem, mas que não dão conta de solucioná-lo. Ele destaca que, no que concerne ao “quem é você?” e “quem sou eu?”, basta saber o seu nome: Tom Bombadil. No entanto, isso acaba por complicar ainda mais o entendimento, pois ele detém nomes diferentes e diversos nas várias culturas e línguas criadas no universo de Tolkien — larwain Ben-adar entre os elfos; Forn entre os anões; Orald entre os homens do Norte; e outros nomes além desses, como apontado pela narrativa, mas que não são mencionados. Todavia, nenhum desses corresponde ao seu verdadeiro nome. Destaca-se também o fato de ser ele o ser mais antigo existente na Terra-Média: “Mais ancião, é o que sou”. Essa afirmação nos revela que nenhuma outra personagem presenciou o seu surgimento, adensando mais uma vez o enigma. O questionamento realizado duas vezes por parte de Frodo evidencia a hesitação com que as demais personagens e o leitor estão envolvidos: diante de tudo que se conhece e que se tem como natural dentro desse universo ficcional, nada compreende, em plenitude, Tom Bombadil. Ambas as respostas, por mais que agreguem conhecimento e contribuam para a composição da personagem, apenas adensam o mistério-enigma que é esse ser.

Após mais uma refeição, Tom e os hobbits estão reunidos e ele começa a lhes contar muitas histórias sobre acontecimentos antigos do Condado que nem mesmo eles se lembravam bem. Entretanto, subitamente e de modo inesperado, Tom pede a Frodo que lhe mostre o Um Anel. Esse pedido gera um momento de suspensão na narrativa, irrompendo toda a alegria com a qual os hobbits estavam envolvidos gerando, abruptamente, grande tensão.

— Mostre-me o precioso Anel! — disse ele de repente, em meio à história: e Frodo, para a própria surpresa, puxou a corrente do bolso, e soltando dela o Anel, entregou-o imediatamente a Tom.

O Anel pareceu crescer por um momento naquela grande mão morena. Então, de repente, Tom ergueu-o na altura dos olhos e riu.



Por um segundo os hobbits tiveram uma visão, cômica e alarmante, de seu olho azul brilhando através do círculo de ouro. Depois Tom colocou o Anel na ponta de seu dedo mínimo, levando-o para perto da luz da vela. Por um momento, os hobbits não perceberam nada de estranho a respeito disso. Então ficaram pasmos. Nenhum sinal de Tom desaparecer.

Tom riu de novo, e jogou o Anel para os ares — e ele sumiu num clarão. Frodo soltou um grito — e Tom se inclinou para frente, devolvendo o Anel com um sorriso (TOLKIEN, 2001, p. 137).

O hobbit, sem nenhum esforço, entrega o objeto nas mãos do outro, diferentemente de todos os demais momentos da narrativa de *O Senhor dos Anéis* em que isso ocorre — alguém pedir a Frodo para segurar o Anel acomete o hobbit de uma vontade incontrolável de retê-lo. Nessa cena, uma das mais intrigantes em todo o universo ficcional criado por Tolkien, o mistério da personagem desdobra-se em si mesmo. Diferentemente de todos os outros seres da Terra-Média que tiveram contato direto com o Um Anel, incluindo os poderosos Gandalf, o mago, e Galadriel, rainha dos elfos, Tom Bombadil não é afetado pelo poder do objeto, tratando-o até com certo desdém e ironia, fazendo-o reverter seu poder contra si próprio — o Um Anel tem o poder de fazer quem o usa desaparecer, e Tom, na cena em questão, faz o objeto desaparecer. Somada a essa cena, quando Bombadil devolve o Anel a Frodo, este o coloca para conferir se realmente era o Anel e, claro, desaparece da visão dos presentes. No entanto,

— Você aí! — gritou Tom, olhando em direção a ele com um olhar de quem enxerga perfeitamente: — Ei! Venha, Frodo! Aonde você está indo? O velho Tom Bombadil ainda não está tão cego assim. Tire seu Anel de ouro. Sua mão fica mais bonita sem ele. Volte! Largue dessa brincadeira e sente-se de novo ao meu lado! Temos de conversar um pouco mais, e pensar sobre amanhã cedo. Tom precisa lhe ensinar a estrada certa, para evitar que se perca (TOLKIEN, 2001, p. 138).

Surpreendentemente, para os parâmetros mitológicos criados por Tolkien em torno do Um Anel, objeto que é central e fundamental para o desenvolvimento da trama de *O Senhor dos Anéis*, Tom Bombadil podia ver Frodo mesmo quando este usa a joia, feito que somente Sauron, que a forjou, era capaz de realizar. Isso revela que o Um Anel não tem nenhum tipo de poder sobre Tom e, ao mesmo tempo, quando em suas mãos, o objeto perde sua força mágica, voltando a ser apenas um anel. No contexto do enredo da obra-prima de Tolkien, um gesto como esse estabelece uma afronta ao vilão, pois o Um Anel detém parte da



essência de Sauron em sua materialidade, que é de onde provém seu imenso poder objetal. Ao anular a magia do Um Anel, é como se Bombadil anulasse a magia do próprio Sauron, ou demonstrasse que essa magia é anulável, vencível, o que pode ser tomado como uma espécie de esperança para os povos livres da Terra-Média, então já ameaçados pela emergência das forças do Senhor do Escuro.

Por fim, Tom ensina aos hobbits um caminho seguro e uma rima para chamá-lo caso precisem de ajuda. No dia seguinte, eles acordam e se despedem para seguir viagem. No decorrer da trilha, não muito longe dali, são atacados pelas Criaturas Tumulares e, em meio ao sofrimento, Frodo se lembra da música ensinada por Tom e começa a cantar, fazendo com que este, depois de um momento longo e lento, apareça, salvando mais uma vez os hobbits por meio de seu canto.

Ao realizar esse resgate analítico, destacamos alguns dos diferentes elementos que compõem a personagem Tom Bombadil. Ressaltamos as passagens necessárias para que se compreenda que a característica fundamental que a envolve é o mistério. Há outras passagens referentes à mesma personagem que corroboram ainda mais tal afirmação; no entanto, tendo em vista que nosso objetivo não se traduz em um analisar a personagem por si, mas relacioná-la com os demais momentos da narrativa frente às teorias sobre a literatura fantástica, limitamo-nos a essas por se mostrarem suficientes para nosso intento.

152

### **TOM BOMBADIL FRENTE ÀS TEORIAS DO FANTÁSTICO**

Relacionando agora Tom Bombadil a algumas das principais teorias do fantástico, notamos como essa personagem se assemelha intrinsecamente com as diferentes conceituações do termo, especialmente no que tange ao fato de que assim como Tom Bombadil, o fantástico reside no mistério, no não compreendido, mas que está ali.

Todorov (2004, p. 30-39) estabelece três critérios para a existência do fantástico. Como condição fundamental, anterior aos próprios critérios em si, segundo o autor, o mundo em que ocorre a narrativa deve ser semelhante ao nosso, ou seja, deve estar



sujeito às mesmas regras e dimensões de funcionamento que o mundo por nós habitado. Diante desse cenário, o primeiro critério é a hesitação do leitor implícito; mesmo que dure apenas alguns instantes, o fantástico reside no tempo da hesitação. Conforme vimos, a hesitação se faz presente em Tom Bombadil desde seu

aparecimento; seja devido à impossibilidade de se compreender a qual raça essa personagem pertence, a sua íntima e única relação com a música, ou ainda aos mistérios que a constituem. Vale destacar a passagem em que Tom pede o Um Anel a Frodo, no qual um momento que parecia ser de puro divertimento é irrompido por uma solicitação inesperada. Por mais que o hobbit não hesite em entregar a joia, o leitor assim o faz por ele.

O segundo critério apresentado é a hesitação das personagens, sendo esse considerado facultativo por Todorov. Notamos claramente a hesitação aqui exposta por meio da indagação feita por Frodo sobre “Quem é Tom Bombadil?”, tanto à personagem em questão quanto a Fruta d’Ouro. Ao se deparar com o desconhecido, o hobbit procura desvendar o mistério que se faz presente, o que de fato não acontece nem para ele e nem para o leitor. O terceiro critério reitera o fato de que a interpretação do fantástico não pode ser nem alegórica e nem poética, o que de fato não ocorre na obra.

O universo de *O Senhor dos Anéis* não está, inicialmente, sujeito às mesmas regras de ordenamento que o nosso, sendo dessemelhante a ele. Esse fato, por mais que discordante da condição pré-estabelecida por Todorov (2004) para a existência do fantástico, encontra seu suporte em Tolkien (2017).

O que acontece de fato é que o criador da história mostra ser um “subcriador” de sucesso. Ele faz um Mundo Secundário no qual nossa mente pode entrar. Dentro dele, o que ele relata é “verdade”, concorda com as leis daquele mundo. Portanto acreditamos, enquanto estamos por assim dizer do lado de dentro. No momento em que surge a incredulidade, o encanto se rompe; a magia, ou melhor, a arte fracassou (TOLKIEN, 2017, p. 32-33).

Por meio dessa citação, percebemos que a compreensão do universo ficcional fantástico se desenvolve de modo distinto para esses dois autores. Enquanto Todorov afirma que o mundo criado deve ser semelhante ao “mundo real” para a existência do fantástico, Tolkien entende que o Mundo Secundário desenvolvido pelo



escritor, "subcriador", em sua obra pode, e até deve, admitir regras de funcionamento que destoem daquilo que entendemos como realidade. Faz-se necessário, ainda na compreensão do mesmo, que haja uma coerência interna que transporte o leitor para dentro dessa subcriação, tornando os acontecimentos que nesta se desenvolvem compreensíveis para a "realidade" proposta. No momento em que tais acontecimentos geram incredulidade por parte do leitor, a arte fracassa. Assim, dentro das regras ficcionais que regem o universo mítico de *O Senhor dos Anéis*, a personagem aqui analisada não pode ser explicada, ao mesmo tempo em que não se mostra não crível. É justamente nessa tensão entre os limites da subcriação e da incredulidade que o mistério Tom Bombadil permanece.

Consoante ao pensamento todoroviano, encontramos a afirmação de Roas: "Tudo isso nos leva a afirmar que, quando o sobrenatural não entra em conflito com o contexto em que os fatos acontecem (a 'realidade') não se produz o fantástico" (ROAS, 2014, p. 33). Entretanto, conforme explicitado acima, discordamos – juntamente com Tolkien – de que para a ocorrência do fantástico a realidade da narrativa deve ser semelhante à nossa, pois, mesmo em um universo ficcional distinto daquilo que entendemos como "nossa realidade", pode haver elementos de sobrenatural dentro do que é considerado natural para aquela realidade específica. É assim que Tom Bombadil se manifesta em *O Senhor dos Anéis*: o sobrenatural não naturalizado dentro de uma realidade ficcional bem definida e limitada, com suas próprias leis e regras de funcionamento.

A imagem proposta por Calvino (2006) para o entendimento do fantástico faz com que esse termo se aproxime ainda mais dessa misteriosa personagem.

Para mim, no centro da narração não está a explicação de um fato extraordinário, e sim a *ordem* que se esse fato extraordinário desenvolve em si e ao redor de si, o desenho, a simetria, a rede de imagens que se depositam em torno dele, como na formação de um cristal (CALVINO, 2006, p.257).

Congregadas a Tom Bombadil notam-se várias imagens, como a análise outrora feita permite-nos perceber, que formam, com efeito, um cristal em suas múltiplas facetas. Contudo, o que vemos não é um todo íntegro. A falta de integralidade na junção das



diferentes imagens que compõem a personagem contribui ainda mais para a manutenção do mistério. Ao colocarmos todas as peças juntas não conseguimos formar uma imagem coesa, o que nos convida à permanente investigação; por mais que saibamos que, enquanto mistério-fantástico, nunca contemplaremos sua totalidade.

Em concordância com a relação aqui evidenciada entre Tom Bombadil e o fantástico, Bessière (1980) afirma que o fantástico reside no enigma, na não solubilidade do mistério. Do mesmo modo, Tom Bombadil assim se apresenta na obra *O Senhor dos Anéis*. Resgatando a citação outrora feita que retoma as palavras do próprio Tolkien sobre tal personagem: "mesmo em uma Era mítica deve haver alguns enigmas, como sempre há. Tom Bombadil é um (intencionalmente)" (TOLKIEN, 2006, p. 169). Evidenciamos assim que há em Tom Bombadil e no fantástico um ponto fundamental que os une: o ser mistério. Por conseguinte, essa afirmação faz com que a análise da narrativa em que se encontra a personagem em questão tome outro caminho, descortinando características que a fazem se distanciar do maravilhoso e se aproximar do fantástico.

### A INSTAURAÇÃO DO FANTÁSTICO-MARAVILHOSO

Compreendido em sua totalidade, o romance *O Senhor dos Anéis* é tradicionalmente classificado como *High Fantasy* devido à estatura épica de suas personagens, temas e enredo. Esses elementos se traduzem na narrativa por meio da jornada das personagens pelo espaço ficcional em meio a um ambiente de conflito, no qual buscam salvar todos os povos livres do jugo de Sauron. Em meio às diferentes aventuras, as personagens se revelam honradas e heroicas na medida em que renunciam a seus desejos para o bem comum e para salvar seus amigos. No entanto, detendo-nos a momentos específicos do enredo que compõem essa jornada, notamos que podemos propor classificações distintas para cada um deles segundo a proposta de Todorov em *Introdução à literatura fantástica*.

O início de *O Senhor dos Anéis* é marcado por elementos atribuídos ao maravilhoso puro, em que há a aceitação de elementos sobrenaturais como constituintes da realidade



apresentada na obra. O espaço do Condado, os hobbits e os acontecimentos que ali transcorrem são plenamente aceitáveis e compreensíveis dentro desse universo ficcional. Entretanto, quando os hobbits se deparam com Tom Bombadil encontram o mistério e a hesitação toma conta do romance.

Portanto, eles devem tomar uma decisão: podem voltar ao espaço maravilhoso do qual vieram, ou singrar por regiões desconhecidas sendo fiéis ao propósito que os fez partir. Decidem prosseguir o caminho lançando-se a um mundo novo. Assim, percebemos que se instaura outro momento na narrativa, o do fantástico-maravilhoso.

Passemos agora para o outro lado desta linha média que chamamos o fantástico. Estamos no fantástico-maravilhoso, ou em outros termos, na classe das narrativas que se apresentam como fantásticas e que terminam por uma aceitação do sobrenatural. Estas são as narrativas mais próximas do fantástico puro, pois este, pelo próprio fato de permanecer sem explicação, não-racionalizado, sugere-nos realmente a existência do sobrenatural (TODOROV, 2004, p. 58).

Desse mesmo modo, Tom Bombadil não será explicado ao longo da obra, mas permanecerá mistério, fazendo como o sobrenatural exista e seja aceito enquanto tal no interior da história. Uma marca narrativa fundamental é a ausência de personagens humanas até o momento em que nos deparamos com Tom Bombadil; no entanto, imediatamente após enfrentarem as Criaturas Tumulares, são-nos apresentadas as primeiras, e os hobbits se encontram em um mundo de homens. Agora, o humano constitui parte desse universo ficcional, configurando um mundo no qual as leis que o regem vão se mostrando, aos poucos, mais semelhantes àquilo que entendemos como realidade.

Continuando nossa jornada nessa mesma direção, outra cena que merece destaque em nossa análise, mesmo que já distante da personagem Tom Bombadil, é a coroação de Aragorn como rei dos homens.

Então Frodo veio à frente e tomou a coroa de Faramir e levou-a para Gandalf; Aragorn ajoelhou-se, e Gandalf colocou-lhe a coroa Branca sobre a cabeça, dizendo:

— Agora chegaram os dias do Rei, e que sejam bem-aventurados enquanto perdurarem os tronos dos Valar! (TOLKIEN, 2001, 1026).

Com essa fala de Gandalf, inicia-se a Era dos Homens e o mítico dá lugar ao histórico, de modo que todos os seres mágicos desaparecem ou partem da Terra-Média. Instaura-se



assim, no plano da narrativa, o que entendemos como “realidade”, em uma representação apenas afastada a muito no tempo. Essa movimentação da narrativa levar-nos-á ao realismo, no qual o mítico, o mágico e o fantástico estão restritos à imaginação e, frente a tais acontecimentos, a razão humana inclinar-se-á a buscar explicações lógico-rationais. Esse modo de se lidar com os elementos sobrenaturais configura aquilo que Todorov entende como estranho.

## CONCLUSÃO

Por meio da discussão aqui desenvolvida, propusemo-nos a apresentar a personagem Tom Bombadil tendo em vista as mudanças narrativas ocasionadas pela e após sua aparição, ao longo do desenvolvimento da jornada épica do principal romance de Tolkien. Assim, podemos notar quatro momentos distintos dentro da narrativa *O Senhor dos Anéis*, de acordo com a classificação proposta por Todorov. O primeiro caracterizado pelo espaço e pelos acontecimentos no Condado conduz-nos para o maravilhoso puro, no qual ocorre a naturalização do sobrenatural. O segundo é a casa de Tom Bombadil, que constitui o fantástico, marcado pelo mistério e pela hesitação. Após a casa de Tom, instaura-se o fantástico-maravilhoso, no qual temos a aceitação do sobrenatural não como algo naturalizado na narrativa, mas como existente enquanto mistério. Por fim, com o advento da Era dos Homens, viver-se-á o estranho, no qual o sobrenatural não participará mais da realidade representada no romance e, quando manifesto, tentará ser explicado racionalmente.

## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1998.

BESSIÈRE, I. O relato fantástico: forma mista do caso e da adivinha. *Revista Fronteiraz*, São Paulo, vol. 3, nº 3, Setembro/2009.

CALVINO, I. Definições de territórios: o fantástico. In: *Assunto encerrado: Discursos sobre literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 256-258.

TOM BOMBADIL e a  
instauração do fantástico no  
maravilhoso  
Afluente, UFMA/CCEL, v.5, n.15,  
p. 142-159, jan./jun. 2020  
ISSN 2525-3441

ROAS, D. *A ameaça do fantástico: aproximações teóricas*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

TOLKIEN, J. R. R. *Árvore e folha*. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

TOLKIEN, J. R. R. [Carta 144] Para Naomi Mitchison. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). *As Cartas de J. R. R. Tolkien*. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006a, p. 169-181.

TOLKIEN, J. R. R. [Carta 181] Para Michael Straight. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). *As Cartas de J. R. R. Tolkien*. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006b, p. 221-229.

TOLKIEN, J. R. R. *O hobbit*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

TOLKIEN, J. R. R. *O Senhor dos Anéis*. São Paulo: Martins Fonte, 2001.



Recebido em 22 de abril de 2020.

Aprovado em 05 maio de 2020.

158

## TOM BOMBADIL AND THE ADVENT OF FANTASTIC WITHIN THE MARVELOUS

**Abstract:** This paper brings an analysis of the character Tom Bombadil in *The Lord of the Rings* (1954 – 1955), particularly in the time that he is inserted in this novel relating to what occurs in previous and posteriors moments of his entrance in the plot. Using as a theoretical basis the classification of marvelous, fantastic, and strange – as well as their related developments – propounded by Todorov in *The Fantastic: A Structural Approach to a Literary Genre* (2004) and critical discussion between this and others fantastic theories, including the Tolkien's himself shown in "On Fairy Tales" (1947), the present article evidences the importance of this character for the development of narrative and the changes that occur due to his appearance. Therefore, corresponding with tolorovian understanding, Tom is organized as fantastic in a previously marvelous plot, making that his appearance moves all narrative ambience of pure marvelous to marvelous-

fantastic. This change and the decisions taken from it are



fundamental not only to comprehend the context in that this character is found, but also for the development of all novel plot.

**Keywords:** The Lord of the Rings; Tom Bombadil; Theories of Fantasy Literature.

---

<sup>i</sup> Raça de criaturas ficticiais criada por Tolkien em seu universo. Constitui a principal contribuição do autor para a ficção fantástica e de fantasia.

<sup>ii</sup> Espaço ficcional criado pelo autor no qual se desenvolvem os acontecimentos transcorridos na narrativa

<sup>iii</sup> Os hobbits não têm consciência da importância, do conhecimento e dos poderes mágicos que Gandalf realmente possui.

<sup>iv</sup> Floresta mágica próxima do local onde moram.

<sup>v</sup> Vale ressaltar que esta construção se encontra também no original, no qual temos "The Lord", com a letra inicial maiúscula.